

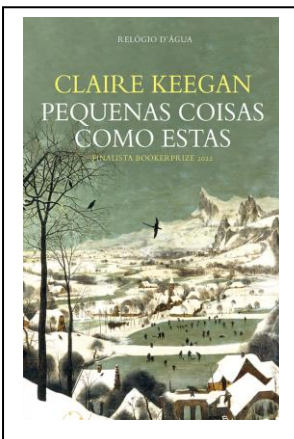
[Pequenas coisas como estas] [Claire Keegan]

[Claire Keegan] Biografia:



Claire Keegan nasceu em Wicklow, na Irlanda, em 1968, filha mais nova de uma família numerosa. Ainda adolescente viajou para Nova Orleães, nos EUA, e aí estudou Inglês e Ciência Política na Universidade Loyola. Regressou à Irlanda em 1992 e, um ano mais tarde, tirou o mestrado em Escrita Criativa e deu aulas de licenciatura na Universidade do País de Gales. Os seus contos apareceram na *The New Yorker*, *Granta*, *The Paris Review* e *Best American Short Stories*. Entre as distinções que recebeu, contam-se o Rooney Prize para Literatura Irlandesa e o William Trevor Prize. O escritor norte-americano Richard Ford escolheu o seu conto Foster como vencedor do Davy Byrnes Short Story Award em 2009, sublinhando o instinto da autora para palavras exatas e a sua "paciente atenção às amplas consequências e finalidades da vida". Keegan está incluída na exibição permanente do Museu de Literatura da Irlanda, inaugurado em 2019.

Sinopse de [Pequenas Coisas como Estas]



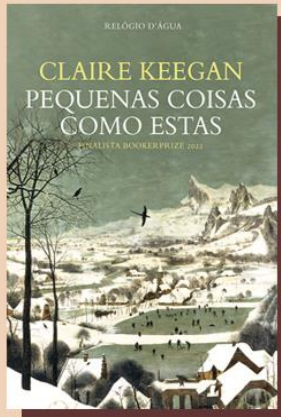
Ambientado na Irlanda, em 1985, a história de Pequenas coisas como estas gira em torno de Bill Furlong, um respeitável comerciante de carvão e madeira, filho de uma mãe solteira, que leva uma vida simples com a família. Durante o período de Natal, ele faz uma descoberta perturbadora sobre um convento local e as jovens mulheres que ali vivem. A revelação obriga Bill a enfrentar as consequências morais e sociais de suas ações numa comunidade profundamente marcada pela influência da Igreja Católica e dos seus silêncios.

*Segundo o jornal *The New York Times*, que incluiu o romance em sua lista de 100 melhores romances do século, "Nenhuma palavra é desperdiçada na pequena e polida joia de romance de Keegan, uma espécie de miniatura dickensiana centrada no filho de uma mãe solteira que cresceu e se tornou um respeitável comerciante de carvão e madeira com uma família própria na Irlanda de 1985. Moralmente, porém, poderia muito bem ser a Idade Média enquanto ele se depara com os crimes contínuos da Igreja Católica e as tragédias cotidianas causadas pela repressão, medo e hipocrisia grosseira."*

- Livro finalista do International Booker Prize 2022
- Livro vencedor do Orwell Prize
- Na lista dos 100 melhores livros do século XXI do *The New York Times*
- Na lista dos 100 melhores livros do século XXI pelos leitores do *The New York Times*

“Pequenas Coisas como Estas”, de Claire Keegan, tem o brilho de uma jóia preciosa

por [Mário Rufino](#), 24 Fevereiro, 2023 / Comunidade Cultura e Arte



Capa de “Pequenas Coisas como Estas”, de Claire Keegan (ed. Relógio d’Água)

Deixe-me começar pelo fim.

O leitor termina a leitura com a ideia de que não faltou nenhuma palavra por dizer nem houve esbanjamento.

“Pequenas Coisas como Estas” (Relógio d’Água) é um organismo bem calibrado, onde o dito tem a dose certa e o não-dito pede um leitor atento. O diabo está nas entrelinhas. Olhe para lá da superfície, aprofunde, veja a corrente interna do texto, o indizível. Claire Keegan (Wicklów; 1968) conta-nos a história de Bill Furlong, um comerciante de carvão casado com Eileen e pai de cinco filhas.

Uma usual entrega de uma encomenda num convento da sua vila vai pôr a descoberto hábitos desumanos. Essa descoberta irá obrigá-lo a confrontar o seu próprio passado.



Estamos no Natal de 1985, na cidade de New Ross, em Wexford.

O passado de Furlong não o amargurou. É um homem terno, melancólico, capaz de usufruir das pequenas coisas e, principalmente, do crescimento das suas filhas. É um homem sem ambições de maior, se tirarmos o principal: ser um marido presente e um pai atencioso.

Ele conhece os rumores sobre aquele convento, sabe das raparigas de má fama que trabalham na lavandaria, as raparigas grávidas ou com bebés de colo, sem marido. Mas não sabe o que acontece aos recém-nascidos.

Apesar de ser uma obra de ficção, isso não conforta o leitor. A história tem raízes na realidade.

Numa nota no fim do livro, a autora fala das lavandarias de Madalena, situadas nos conventos, onde restaurantes, pensões e casas bastadas lavam a roupa:

“A última lavandaria de Madalena só foi encerrada em 1996. Não se sabe quantas raparigas e mulheres foram escondidas, aprisionadas e obrigadas a trabalhar nessas instituições. (...)”

Desconhece-se quantos milhares de bebés morreram nestas instituições ou foram adotados nos lares para mães solteiras. (...) Estas instituições eram geridas por freiras e financiadas pela Igreja Católica, em parceria com o Estado irlandês.”

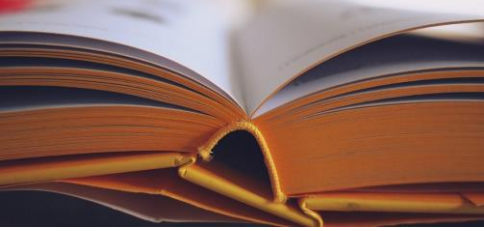
Entre as fissuras da desgraça, passa a bondade de Bill Furlong.

Claire Keegan tem no seu personagem a negação do determinismo social. Ele tinha tudo para correr mal, tudo para a mãe entrar e não sair da lavandaria do convento, tudo para ele nem ter história para contar. A bondade da Sra Wilson e a sua transformam vidas para melhor. Ele dá a mão a quem precisa.

A estrutura fluída, com regressões ao passado de Furlong, sublinham a resiliência e bondade intrínseca deste personagem. Mesmo as suas interrogações sobre caminhos que não tomou, hipóteses que não explorou, valorizam a sua vida cheia de pequenas coisas, que ele tanto valoriza.

Vai ao arrepio da corrente e forma-se como o ser humano que gostaríamos de ser. Cada palavra tem o seu valor, cada frase o seu equilíbrio, e o livro resulta num espécime invulgar de concisão e beleza.

É muita qualidade concentrada em cerca de oitenta páginas.



Claire Keegan tem dois dos seus livros adaptados ao cinema | Foto DR

CULTURA, EDIÇÃO PAPEL, OPINIÃO

Claire Keegan – A grandeza da concisão Por Paulo Serra

*LETRAS & LEITURAS: Artigo de Paulo Serra publicado no Caderno de Artes Cultura. Sul de junho
08:00 14 Junho, 2024 | [POSTAL](#)*

PAULO SERRA

Doutorado em Literatura na UAlg e Investigador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC)

Claire Keegan, autora irlandesa agora publicada em Portugal pela Relógio d'Água, tem poucos livros publicados, em mais de 20 anos de carreira literária, às vezes com um hiato de mais de uma década. Nasceu em Wicklow, na Irlanda, em 1968, filha mais nova de uma família numerosa. Ainda adolescente viajou para Nova Orleães, nos EUA, e aí estudou Inglês e Ciência Política na Universidade Loyola. Regressou à Irlanda em 1992 e, um ano mais tarde, tirou o mestrado em Escrita Criativa e deu aulas de licenciatura na Universidade do País de Gales.

Que Claire Keegan é um dos melhores escritores de ficção, de prosa tão cirúrgica concisa quanto inquietante, já é conhecido. O que talvez não se saiba é que esta novelista tem não um mas dois dos seus livros já adaptados ao cinema. Além do mais recente “Pequenas Coisas como Estas”, com estreia no Festival Internacional de Cinema de Berlim, de Tim Mielants, num elenco que conta com Cillian Murphy, Ciarán Hinds e Emily Watson, existe ainda “The Quiet Girl” (“A menina silenciosa”), que

adapta "Acolher". Filme que ganhou vários prémios e foi nomeado para o Óscar de Melhor Filme Internacional.

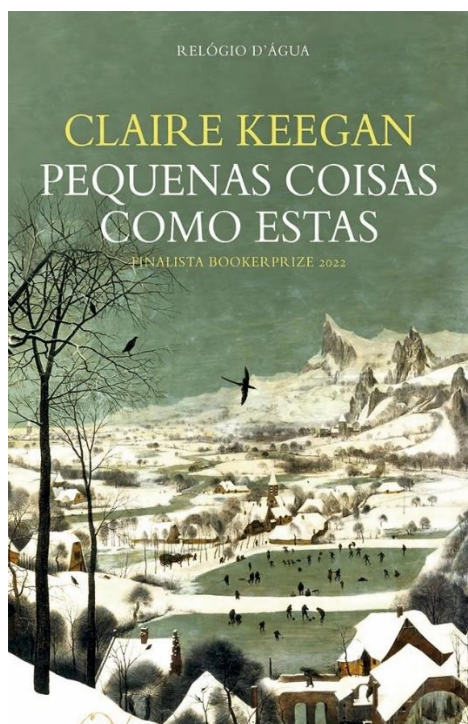
Este ano saiu ainda um pequeno volume de breves contos, *A Uma Hora tão Tardia*.

Pequenas Coisas como Estas, de Claire Keegan

Pequenas Coisas como Estas, da autora irlandesa Claire Keegan, foi o primeiro livro seu publicado entre nós pela Relógio d'Água. A tradução desta novela é de Inês Dias.

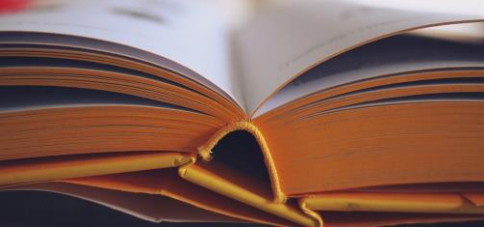
Num tempo em que se multiplicam os romances de grande dimensão, em cartapácios de mais de 700 páginas, ou em obras que se estendem ao longo de vários volumes, Claire Keegan prima pela concisão. O que nos pode remeter para uma passagem do mais recente *Montevideu*, de Enrique Vila-Matas, que afirma que "Os relatos breves são estampas de vida com uma estranha adesão à realidade" (p. 29).

A imagem de marca desta autora, que foi finalista do Booker Prize em 2022 e vencedora do Prémio Orwell na Categoria de Ficção Política com este livro, parece ser a de uma prosa tão breve quanto impactante, em novelas cujo impacto no leitor se deve sobretudo ao não-dito.



Pequenas Coisas como Estas foi finalista do Booker Prize em 2022

Pequenas Coisas como Estas narra, na terceira pessoa, em tom enganosamente distanciado, a vida de Bill Furlong, um comerciante de carvão e homem de família, alguém que "vinha do nada", cuja mãe engravidou aos 16 anos. Nascido no dia 1 de abril de 1946, correndo assim o risco de se tornar um mentiroso, filho de pai desconhecido, acaba por ser perfilhado por uma mulher generosa, a Sra. Wilson. Pela situação da mãe, solteira, e por ser pai de cinco filhas, há ainda vislumbres rápidos (como se tocássemos a consciência do protagonista) do que significa ser mulher num mundo de homens.



Quando Bill tem cerca de 40 anos, e a Acção remonta agora a 1985, há breves traços que rapidamente caracterizam o ambiente social que nos remete para outras obras de autores irlandeses, como Douglas Stuart. Naquela pequena cidade irlandesa, onde Bill (bafejado pela sorte, ou por ser um bom homem) consegue ainda assim fazer pela vida, e sustentar a sua família. Vivem-se tempos difíceis. Há poucas oportunidades de trabalho, à exceção do depósito de carvão. Os jovens emigram para Londres, Nova Iorque ou Boston. As filas do desemprego crescem.

Bill, ao entregar uma encomenda no convento local, faz uma descoberta inquietante, que o leva a confrontar-se com o seu próprio passado e com os complicados silêncios de uma povoação controlada pela Igreja.

Como se torna claro numa nota final escrita pela autora, esta ficção inspira-se numa situação verídica.

O que torna a escrita desta autora tão especial e única? A sua concisão, a forma como encadeia a simples descrição de gestos, em que as personagens “avançam sempre mecanicamente, sem pausas, para a tarefa seguinte” (p. 23) – ou porque se vivem tempos pouco propícios a reflexões ou por ser essa a única forma de sobreviver –, com súbitos rasgos da sua interioridade que lançam uma nova luz sobre gestos aparentemente banais e quotidianos – “a mecânica dos dias” (p. 27).

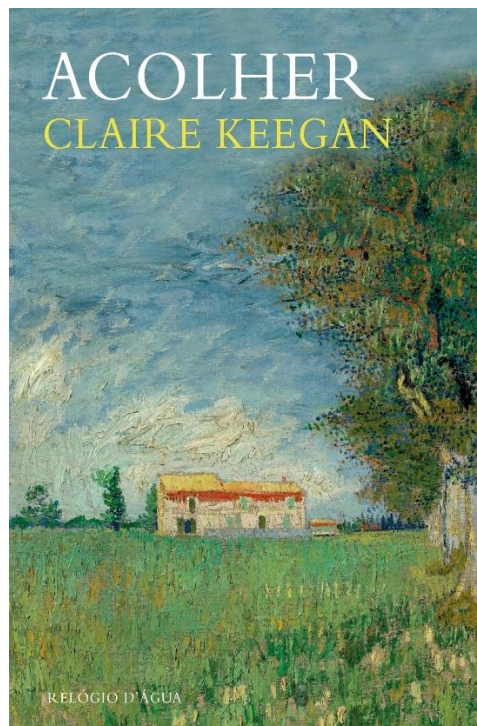
Em cerca de 80 páginas, não há lugar para excessos ou devaneios. Como também acontece na música, a autora aposta mais nas pausas (imaginamo-las nós no meio das frases) e nos silêncios que se criam. A ação cinge-se ao essencial e, ao terminar o livro, o leitor fica ainda assim com uma estranha sensação de inquietude, a apalpar sentidos possíveis para o que acabou de ver acontecer ao longo daquelas páginas.

Acolher

Acolher, da autora irlandesa Claire Keegan, foi o segundo livro publicado pela Relógio d'Água, com tradução de Marta Mendonça, foi vencedor do Davy Byrnes Irish Writing Award.

Neste conto (pelo menos assim designado dentro do conjunto da prosa da autora), uma narrativa ainda mais breve do que a anterior, com cerca de 65 páginas, o impacto causado no leitor não é menor, e deixa-nos a remoer a história durante muito tempo.

Narrada pela perspectiva de uma menina, perceberemos, gradualmente, que está a ser levada para viver com uma outra família, os Kinsella, numa quinta na zona rural da Irlanda. O tempo é indefinido, à parte uma breve alusão à C.E.E., o que pode remeter-nos para o ano da adesão da Irlanda.



Acolher foi vencedor do Davy Byrnes Irish Writing Award

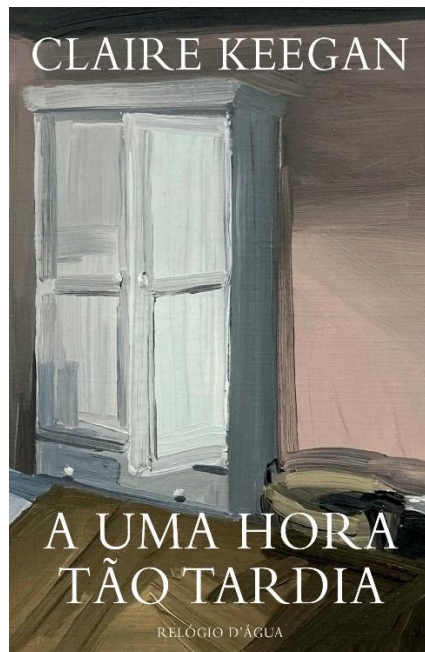
A esta menina, cuja idade ou nome nunca saberemos (apenas que anda na escola), que chega como uma “criança cigana” e rapidamente se transforma, não lhe é dito – nem a nós – se é uma situação temporária ou permanente, pois ela fica sem saber quando regressará, ou se regressará. O certo é que esta menina, não obstante a sua inocência e desconhecimento da realidade que a cerca, é capaz de pensamentos que a tornam adulta: “Quem me dera estar lá fora, a trabalhar, pois não estou acostumada a estar sentada quieta e por isso não sei o que fazer com as mãos.” (p. 13) Uma inquietação que parecer remete para o livro anterior da autora, na forma como encadeia na narração a enumeração da descrição de simples gestos e ações quotidianas, em que as personagens avançam mecanicamente, de uma tarefa para outra, em jeito de fuga à profundidade, que as pode engolir como um abismo, e como estratégia de sobrevivência assente nessa “mecânica dos dias”. Nos dias que vê passar nessa casa desconhecida, a sua nova morada de gente estranha e silêncios ou olhares inquietantes, os seus pais adotivos tratam-na, no entanto, com todo o carinho. Há afinal um enigma que terá de ser deslindado: “sinto o sabor a algo sombrio no ar, algo que ameaça cair e explodir e mudar as coisas” (p. 40). E, páginas depois, a intriga tomará de facto nova feição. Da mesma forma que, perto do fim, os estranhos acontecimentos que se precipitam, ou precipitados, por esta menina, nunca explicados ou indiciados, deixam, uma vez mais, uma inquietante incerteza a pairar.

A Uma Hora tão Tardia

A Uma Hora tão tardia, com tradução de José Miguel Silva, é um igualmente pequeno volume que reúne três contos de Claire Keegan. Um tríptico de contos breves sobre temas diversos. Se no primeiro conto, que dá nome ao livro, se fala de amor, desejo, traição, temas que ainda se parecem repercutir no último conto, já o terceiro conto envereda por vias bem distintas. Histórias breves que

não têm o impacto da novela e conto publicados anteriormente, é certo, mas que nem por isso deixam de ter em comum a escrita despreziosa, despida até ao osso, escorreita e incisiva. Ora levemente ora mais declaradamente, estas três histórias partilham a misoginia, o machismo na sociedade, e a violência latente dos relacionamentos entre homens e mulheres.

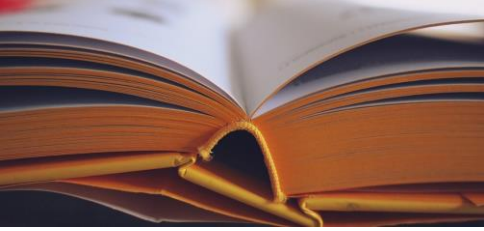
Em «A Uma Hora tão Tardia», temos Cathal um protagonista de sexo masculino, um funcionário burocrático, que enfrenta um longo fim de semana. Paira sobre ele um sentido de derrota, ou a sensação antagónica de ter escapado a uma ameaça imprecisa e indefinida, que só gradualmente nos é revelada, em pequenas analepses. A autora faz-nos partilhar da perspetiva deste homem, mediano, tacanho, obsoleto, justamente para melhor ilustrar o porquê de ter sido abandonado nas vésperas do casamento, sendo que agora se divide entre o saudosismo e o alívio da vida que podia ter tido ao lado da mulher que deixou fugir.



A Uma Hora tão Tardia é tríptico de contos breves sobre temas diversos

A segunda narrativa é a mais curiosa, até porque toma como protagonista uma mulher que se recolhe para poder escrever, mas que acaba por fazer tudo menos escrever, até porque não a deixam. «A Morte Lenta e Dolorosa» acompanha esta escritora numa residência artística, numa casa onde viveu Heinrich Böll, e tem um encontro com um estranho homem que se revela ser um académico, que lhe guarda um rancor quase inexplicado. A ela, como escritora, resta-lhe encontrar formas de sublimar e vencer aquele ódio e mesquinhez de um homem que não a considera à altura, quase de certeza simplesmente por ser mulher, da honra que lhe foi conferida.

«Antártida» conta um episódio na vida de uma mulher casada que viaja para fora e procura descobrir como é dormir com outro homem. Narrativa que poderia ser confundida como moralista, dado o seu negro desfecho. Mas talvez seja simplesmente a história de uma mulher à procura de si mesma no reflexo do outro. O problema é que o outro nem sempre nos devolve o nosso reflexo da melhor forma.



Pequenas coisas como estas

03 outubro 2024

por [Nanni Rios](#) (Matinal)



Cena do filme baseado no livro "Pequenas coisas como estas", ainda sem data de estreia no Brasil | Foto: IMDb
| Enda Bowe/Lionsgate

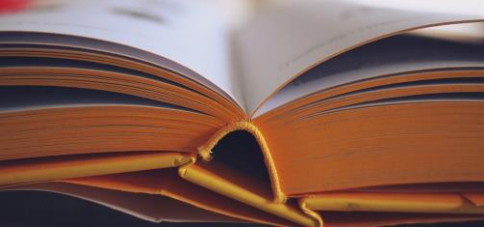
Se eu pedir pra você me citar autores irlandeses, é possível que a primeira resposta seja **James Joyce**, autor de *Dublinenses*, um livro de contos famoso em todo o mundo, cujo título entrega a origem do autor nascido em Dublin, capital da Irlanda.

Se você for uma pessoa versada em biografias literárias, talvez saiba citar outros – que a maior parte das pessoas, por engano ou desatenção, chutaria que são ingleses – como **Oscar Wilde**, **Jonathan Swift** e **Samuel Beckett**. E dá para entender: todos eles nasceram antes da Irlanda se tornar um país independente do Reino Unido.

Dei um Google aqui para checar essas informações e garantir que eu não estaria falando besteira e vi que não citei outro irlandês digno de nota: **Bram Stoker**, que não nasceu na Transilvânia, mas em Dublin.

Bom, todo esse preâmbulo para contar que a literatura irlandesa nunca esteve no meu foco. Tirando o *Dublinenses* e o livro *De espaços abandonados*, da brasileira **Luisa Geisler**, que morou um tempo em Dublin e fez um livro ambientado lá, a Irlanda pra mim era um cenário distante.

Até **Sally Rooney**, autora de *Pessoas normais*, que é um fenômeno entre leitores da chamada geração millennial (onde eu me enquadro), até pouco tempo atrás ficava na estante no meio



dos estadunidenses. Não sei dizer por que coloquei ela ali, nenhum motivo específico, mais por engano e desatenção mesmo. Mas, sim, Rooney é irlandesa.

Você pode estar se perguntando: tá, mas e daí?

E daí que eu fiz essa volta toda pra falar da minha mais nova obsessão literária, uma escritora irlandesa chamada **Claire Keegan**, que faz muito sucesso lá fora, arrematando prêmios e emplacando livros em listas importantes, e acaba de ser publicada pela primeira vez no Brasil pela Relicário Edições.

E eu tenho certeza de uma coisa: ao ler **Claire Keegan**, você logo fica sabendo que ela é irlandesa, pois seu livro *Pequenas coisas como estas* remonta um fato inconfundível da história da Irlanda, baseada em acontecimentos assustadoramente reais, que são fruto de uma combinação explosiva: a crueldade imoral da Igreja Católica aliada à negligência/anuência do Estado em nome do controle dos corpos das mulheres.

Essa combinação mal dosada de Igreja com Estado, em que a Igreja dita as regras e o Estado não interfere, é comum em muitas partes do mundo, é verdade. Mas o que notabilizou a Irlanda no panorama das histórias de horror contra mulheres no mundo foram as **Lavanderias de Madalena**. É como uma mancha que fica, uma chaga aberta. E mesmo quando (e se) cicatrizar, vira marca.

Num paralelo com o Brasil, guardadas as devidas proporções, é como a marca da escravidão negra, que foi normalizada pelo Estado e pela Igreja por séculos, violentou e matou milhões de pessoas e promoveu a aniquilação moral, cultural e física dos que “sobreviveram”. Um verdadeiro genocídio à luz do dia que, de quebra, enriqueceu a Igreja, o Estado (por meio dos bancos públicos envolvidos até o pescoço nas transações comerciais) e os “empresários” que operavam o comércio mais desumano (e desumanizador) de que se tem história.

A primeira Lavanderia de Madalena foi criada em 1765 em Dublin. O nome faz referência à figura bíblica de **Maria Madalena**, retratada no livro sagrado do cristianismo como uma prostituta dissidente. Ela teria buscado a redenção de seus pecados virando uma financiadora da vida dos apóstolos com a fortuna que tinha ganhado na prostituição.

E faz sentido: abrigando mulheres de “comportamento promíscuo”, as lavanderias eram, na realidade, lucrativas empresas. Tanto que o modelo de negócio atraiu outros “investidores” e se espalhou por outros países do norte europeu e até nos Estados Unidos. Há dados de que em 1800 havia 300 Lavanderias de Madalena só na Inglaterra.

Entendem por que a mancha fica? Não há Vanish® que limpe essa história.

A última Lavanderia de Madalena foi fechada em 1996, há menos de 30 anos. Logo, não é exagero situar essa história no presente, já que até hoje, o Estado não fez a devida reparação pelos séculos de negligência. Em 2013 houve um pedido de desculpas formal do primeiro-ministro irlandês **Enda Kenny**, mas a exemplo da escravidão no Brasil, pedir desculpas é o mesmo que nada.

Dito isso, vamos ao livro.

Para começar, é preciso dizer que o livro de Keegan não conta nada disso que eu escrevi aí em cima. Isso eu li em matérias recentes sobre o fechamento da última “Magdalene Laundry” e aprendi no [bate-papo de lançamento do livro](#) que mediei com as

pesquisadoras **Maria Rita Drummond Viana, Bárbara Bom Angelo e Luci Collin**. Tá no [Youtube](#), vale muito a pena ver.

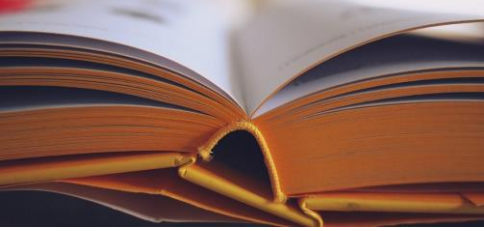
O protagonista do livro é um homem (sim, um homem, vocês vão entender por que isso é o grande ponto do livro), um cidadão comum e pacato, morador do povoado onde funciona uma das lavanderias. O ano é 1985 e o nome dele é **Bill Furlong**. Ele é casado e pai de cinco filhas. Trabalha como entregador de carvão, combustível usado no aquecimento interno de ambientes. Tudo se passa às vésperas do Natal, o feriado mais importante da Igreja Católica, que no hemisfério norte é marcado por baixíssimas e congelantes temperaturas. Ou seja, o Natal é a época do ano em que Bill mais trabalha. São muitas entregas, desde as menores, suficientes para aquecer uma pequena casa de família, até as encomendas que enchem um caminhão inteiro, como as que o convento da cidade faz e paga à vista. Nesse convento, comandado por freiras da Igreja Católica, funciona uma das famosas Lavanderias de Madalena, para onde os moradores do povoado de fato mandam suas roupas sujas para serem lavadas pelas mulheres que “moram” lá. Segundo relatos, o serviço é tão bom que as roupas voltam como se fossem novas. E isso é tudo que Bill sabe sobre o local. Até o dia em que a alta demanda por carvão na véspera do Natal o obriga a fazer uma entrega no convento num horário incomum, sem prévia combinação com as freiras. Foi assim que Bill chegou de surpresa e presenciou algo que ele demorou a entender, devido ao choque inicial e ao horror que aquilo representava.

O convento era conhecido por “receber” mulheres que tinham “caído em desgraça” ou que causavam vergonha à família por seus comportamentos “desviantes”. Rebeldias de toda ordem eram punidas com a internação. Mulheres vítimas de estupro ou incesto, adúlteras e grávidas fora do casamento e toda a sorte de “desvios” eram “corrigidos” com internação. Acho que nunca usei tantas aspas num só parágrafo, me perdoem. Mas o sentido literal das palavras às vezes não dá conta de certos horrores.

Keegan nos deixa saber também que Bill era filho de uma mãe solo e nunca teve notícias de quem seria seu pai. E sua mãe só não foi mandada ao tal convento para lavar seus pecados por um lance de sorte: ela trabalhava na casa de uma viúva rica que não tinha filhos e escolheu manter a mulher grávida em sua casa e acolher a criança que em breve nasceria. Aquela mulher rica, livre de marido ou família, optou por não fazer o que a Igreja fazia com mulheres pobres: nas classes mais baixas, a internação de mulheres como a mãe de Bill era compulsória.

Além disso, Bill tinha cinco filhas, lembram? Cinco mulheres que, ao menor sinal de rebeldia ou desvio comportamental, estavam sujeitas à internação também. Aquela visão que tivera no convento atravessara sua vida de forma brutal e o deixara profundamente angustiado. Ele, então, resolve dividir esse sentimento com sua esposa. E ela prontamente sugere que ele não se meta nisso. Ele argumenta: poderia ser qualquer uma de nossas filhas. Ao que ela retruca: mas não são as nossas filhas, fique longe disso. Ele insiste: poderia ter sido a minha mãe. E a esposa sentencia com ainda mais veemência: mas não foi a sua mãe, esqueça isso. Só que aí já era tarde: mais impactante do que o que ele viu é o que ele não conseguia desver.

E o fato de Keegan ter escolhido um protagonista homem soa como um chamado. É a cereja do bolo de uma história muito bem contada, na minha opinião. Pois é isso que torna o livro



contemporâneo, com os pés fincados no hoje, em sintonia com as urgências do nosso tempo.

Na complexa organização social, que é recortada pelas interseccionalidades de gênero, raça e classe, há “setores” que podem se dar ao luxo de ignorar certas aberrações. Por exemplo: um homem consegue ignorar mais coisas do que uma mulher; uma mulher branca consegue não se preocupar com certas coisas que não poupam uma mulher negra; uma mulher cis consegue deixar de lado coisas que atormentam uma mulher trans; e por aí vai. Todo mundo sabe que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Você conseguiria?

O que eu quero dizer com isso é que Bill poderia lançar mão de seus privilégios de gênero e decidir que aquelas atrocidades não lhe dizem respeito, afinal ele não é uma mulher. E vida que segue. Mas ao invés disso, ele convoca o mais básico de sua humanidade e se deixa afetar. E o caminho do sensível, bem sabemos, é sem volta.

Me permito ir além e fantasiar que ele se deu conta de que para salvar suas filhas da roleta-russa do destino não bastava apenas educação e controle, como pensa o cidadão de bem (e a cidadã de bem também). Bill entendeu que o único jeito de proteger suas meninas daquela realidade horrível era fazer com que ela mudasse ou deixasse de existir.

E veja bem: Bill não é um herói. Ele só conclui o óbvio pelo caminho da sensibilidade. Ele não faz o durão omissivo, que não mete a colher, como manda o figurino. Ao contrário: ele se deixa afetar. Bill é aquela nossa esperança (minguada né, gurias...) de que os homens se impliquem visceralmente no combate às desigualdades de gênero, como se suas vidas dependessem disso (porque dependem).

Construir papéis de gênero que desafiam as convenções é o que faz meus olhos brilharem na literatura. Da mesma forma que Bill não encarna a masculinidade típica, outra personagem que chama atenção por sua complexidade é a esposa, Eileen. Na mesma conversa em que repreende o marido, ela lhe diz: “se você quiser progredir nesta vida, há coisas que precisa ignorar”, como se ela estivesse constatando algo sobre si mesma. E na sequência, ela se contradiz ao sugerir que a viúva rica que protegeu a mãe de Bill não fez nada demais: “Era uma das poucas mulheres nessa terra que podia fazer o que quisesse, não?”.

Acho que vou parar por aqui. Já contei bastante e ainda há muito a ser descoberto nesse livro urgente, sucinto, breve e econômico, pois não há mais tempo a perder e floreios não são pertinentes. São 118 páginas de uma história envolvente, que se lê num só fôlego. São pequenas coisas como este livro que fazem a diferença na literatura contemporânea.

p.s.: A quem interessar possa, *Pequenas coisas como estas* já virou filme, ainda sem data de estreia no Brasil, com **Cillian Murphy** (de *Oppenheimer*) no papel do protagonista **Bill Furlong**. Antes disso, outro livro de **Claire Keegan** já tinha virado filme: *Foster* chegou aqui como *A menina silenciosa*, que descasca sem dó nem piedade as hipocrisias e violências encobertas sob a aura de santidade da instituição familiar. Vi na Cinemateca Paulo Amorim, antes da enchente, e recomendo muitíssimo.

Pequenas Coisas Como Estas, a Crítica Grande interpretação de Cillian Murphy

13 de Janeiro de 2025 Pedro Serafim



© Nos Audiovisuais

“Pequenas Coisas Como Estas” é uma forte adaptação do livro de Claire Keegan, com Cillian Murphy em destaque

“Pequenas Coisas Como Estas”, de Tim Mielants, a adaptação recente para cinema da obra (com o mesmo título) da escritora irlandesa Claire Keegan, apresenta um retrato de um poderoso dilema moral, tendo como pano de fundo os Asilos de Madalena na Irlanda. Embora o filme revele vários aspetos louváveis, também vacila na transposição do núcleo introspetivo do livro para o ecrã.

O filme merece, desde já, reconhecimento por trazer a história dos [Asilos de Madalena](#) na Irlanda a um público internacional mais vasto. Estas instituições, geridas por ordens católicas, abrigavam mulheres como mães solteiras, mulheres entendidas como promíscuas ou “pecadoras”, ou simplesmente mulheres pobres ou vulneráveis. Os asilos operavam sob o pretexto de oferecer refúgio e reabilitação, mas, na realidade, eram locais de trabalho forçado, abuso e exploração. O filme não evita retratar as duras realidades destas instituições, oferecendo vislumbres do sofrimento sentido pelas mulheres entre as suas paredes.

Cillian Murphy é a grande força de “Pequenas Coisas Como Estas”



Trata-se de um ‘filme de actor’ e Cillian Murphy é a figura certa. ©Shane O’Connor

A força do filme reside também, inquestionavelmente, na interpretação de [Cillian Murphy](#) como Bill Furlong, um comerciante de carvão na Irlanda rural dos anos 80. Murphy oferece uma verdadeira lição em representação contida, personificando a melancolia silenciosa de Furlong com gestos e expressões subtis. O seu olhar, frequentemente repleto de uma mistura de cansaço e compaixão, transmite uma silenciosa luta interna de um homem confrontado com uma crescente consciência das atrocidades que ocorrem nos asilos da sua pequena comunidade.

A fotografia do filme amplifica uma sensação de inquietação. A paleta de cores suaves e os planos cuidadosamente compostos criam uma atmosfera sombria, refletindo o peso opressivo dos segredos que pairam sobre a cidade. As paisagens invernosas e desoladas, muitas vezes envoltas em nevoeiro ou chuva, espelham a turbulência interior de Furlong, proporcionando uma experiência visualmente e emocionalmente ressonante.

Simultaneamente, e contrastando com a atmosfera mais sombria e opressiva da pequena vila rural onde o filme se passa, a fotografia também contribui para a construção de um ambiente acolhedor dentro do lar de família de Bill Furlong, composta pela sua mulher e

5 filhas. Em plena época natalícia, o filme tece uma imagem de conforto e calor, que contrasta com um sofrimento palpável que paira no ar fora de casa. É uma familiaridade reconfortante, que oferece momentos de leveza no filme, embora esta aparência idílica se veja constantemente ameaçada por sombras do passado e pelo peso da consciência moral que atormenta a personagem de [Cillian Murphy](#).

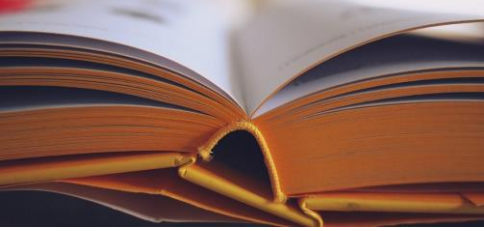
O filme conta ainda com um forte elenco secundário



Photo by Enda – © 2024 Lionsgate

O filme beneficia também de um forte elenco secundário. [Eileen Walsh](#), no papel de Sarah, a mulher de Furlong, é particularmente cativante, personificando as preocupações pragmáticas de uma mãe e esposa, protetora da estabilidade da sua família e cautelosa perante qualquer perturbação da sua vida cuidadosamente construída, apesar de humilde. As cenas entre Murphy e Walsh têm uma tensão silenciosa, destacando o conflito central: o crescente mal-estar moral de Furlong ao deparar-se com o que passa à volta dele, a confrontar-se com o desejo de Sarah de manter a sua existência familiar pacífica. As suas filhas, interpretadas com um charme natural, enfatizam ainda mais o calor e a segurança da vida familiar de Furlong.

Contudo, o recurso excessivo do filme a flashbacks revela-se um passo em falso considerável. Apesar de se destinarem a fornecer contexto e aprofundar a nossa compreensão do passado de Furlong e da sua ligação aos asilos devido ao seu historial familiar, estes flashbacks surgem, frequentemente, como intrusivos face ao ritmo narrativo e desviam a atenção do drama presente, diminuindo, em última análise, o impacto do despertar moral de Furlong mais para o fim.



É neste ponto que o filme se distancia mais significativamente da obra literária de Keegan. A força do livro reside na sua representação íntima do universo interior de Furlong. Keegan transmite os seus pensamentos, as dúvidas e o crescente desconforto com mestria. Acedemos a todas as suas reflexões, à sua perceção gradual da verdade e à sua luta para conciliar a sua consciência com as pressões sociais para manter o silêncio. Este foco interno cria uma profunda sensação de empatia, envolvendo o leitor no dilema e tornando o seu derradeiro ato de desafio mais poderoso.

O filme, no entanto, exterioriza este conflito interno através dos referidos flashbacks e de diálogos ocasionais que retiram alguma subtilidade, algo que o realismo que define a realização de Tim Mielants pede. Esta mudança de perspetiva atenua o impacto emocional da história, em última análise.

Em suma, “Pequenas Coisas Como Estas” é um filme com inegáveis qualidades. A interpretação de [Cillian Murphy](#) é poderosa na sua contenção e a fotografia do filme constrói uma atmosfera assombrosa. No entanto, embora o filme tenha muitos méritos, fica aquém de captar toda a profundidade emocional que poderia ter explorado.

“Pequenas Coisas Como Estas” pode agora ser visto nos cinemas portugueses.